

A POESIA COMO CRIAÇÃO NA VELHICE: UMA ESTÉTICA DO ENTRE

Autora do projeto¹: Isabella Valino Teixeira de Bessa
Orientador²: Prof. Dr. Rodrigo Barbosa Mugnai Lopes

1 INTRODUÇÃO

Os modos de existência descritos por Étienne Souriau, escrito originalmente em 1943 e recuperados por Lapoujade (2017), nos apresenta algo mais que o ficcional: os seres virtuais. Neste livro, Lapoujade busca a partir do pensamento de Souriau a consistência no ato de existir virtualmente, ou de reexistir, recriando maneiras-outras, possíveis para se sustentar, que podemos elucidar como: arte da existência, seres imaginados que são alimentados pelos afetos (signos) nos quais habitam planos que, por sua vez, tornam a memória vivida uma reinvenção no plano virtual. Não como um saudosismo, mas como a experiência possível para acesso de algo novo, potente, criador e criativo.

O virtual existe apenas enquanto instante, não é possível “pegar”, é como se tentássemos capturar o “beijo do colibri na flor”: sabemos que a relação existe e é produtora, mas apenas no instante em que ocorre. Testemunhar essas existências mínimas faz da pesquisa cartográfica um mergulho no plano dos afetos, retornando sempre a memória pelas pluralidades.

Buscamos uma abertura nesta pesquisa para pensar as experiências artísticas como construção de saberes pela ferramenta do imaginário, dialogando com a potência que a velhice abre para outros sentidos (por exemplo, com as memórias). Esta experiência estética mais desacelerada permite mapear como o cotidiano se torna essencial para dar alma às palavras e aos sentimentos, ressignificando o corpo e o espaço e se abrindo para o conhecimento sensorial.

Quando propomos estudar a velhice, observamos o mundo de forma diferente: passamos a habitar o “entre” e escrever silêncios que desenham essas vidas, experimentando

¹Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente.

²Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Grupo de Pesquisa “Educação e Filosofia”.

novas formas de pensar. A experiência estética nos possibilita um conhecimento experimental, algo que nos faz “cócegas” nas inquietações, que interpretamos de acordo com nossa carga experiencial e emocional, ou seja, nossas experiências. A partir dela, conseguimos nos expressar, criar, recordar e nos expor.

Pensando a estética como produção de subjetividade, talvez possamos conseguir uma experiência em que não haja representações ou ideias prontas, mas a identificação de si, ou seja, o aprender como processo. Pensar a memória a partir da perspectiva da invenção nos ajuda a compor com os restos, os restos da memória que existem como virtualidade e as que são atualizadas por alguma experiência exterior.

A memória não funciona apenas como faculdade de informações, porque acontece um encontro entre o memorável e o imaginado, provocando forças que não são da cognição. O esquecimento resulta na invenção do próprio corpo, produzindo conhecimento inventivo, fornecendo elementos para se pensar a velhice, o espaço e os encontros com esses dois corpos: o corpo vivo, instaurado na velhice e o corpo estático habitado.

Com isso em mente, este projeto se orienta pela seguinte questão: Em que medida conseguimos produzir uma experiência estética que comunique novas maneiras de existir na velhice? Nossa hipótese é a de que, com a ajuda da pesquisa cartográfica, podemos pensar as experiências artísticas como fonte para dar língua aos afetos da memória, fazendo com que, dessa maneira, ela se virtualize (inventando-se e reinventando-se).

A principal questão deste trabalho está centrada no olhar sensível sobre como podemos por meio dessas experiências conversar com as memórias, com a velhice e com o espaço. A justificativa para essa temática é ressaltar o “olhar para a velhice”, para os modos em que o corpo se adapta ao espaço, trazendo sua potência e valor de existir no mundo. Essa pausa para investigação dessas(es) senhoras(es) traz à luz e revela reflexões profundas sobre aprendizado, valor e resistência. (ressaltando a diferença na educação como algo sensorial, ocasional e criativo).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Baseando-se no método da cartografia e procurando dialogar com ela no campo da educação, procuramos ilustrar as experiências artísticas como fonte de interlocução para a

criação de ambientes, histórias, memórias e relações, acreditando que a criação de espaços por meio da palavra é possível, tornando a escrita uma fonte para o reencantamento de si e do mundo.

Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga. Lançados num plano implicacional, os termos da relação de produção de conhecimento, mais do que articulados, aí se constituem. Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas. Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos. O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas. Restam sempre pistas metodológicas e a direção ético-política que avalia os efeitos da experiência (do conhecer, do pesquisar, do clinicar etc.) para daí extrair os desvios necessários ao processo de criação. Tal processo se dá por uma dinâmica de propagação da força potencial que certos fragmentos da realidade trazem consigo. Propagar é ampliar a força desses germens potenciais numa desestabilização do padrão. Nesse sentido, conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção. (PASSOS; BARROS, 2009, p. 30-31).

Para isso, podemos conceitualizar e também contextualizar a pesquisa cartográfica em alguns pontos principais, que nos ajudam a construir uma experiência de imersão e convivência com os questionamentos da velhice.

As experiências artísticas são fontes potentes e podem ser obtidas de diferentes formas: contação de histórias, desenhos, textos, algo que nos move, como a força de um signo que atravessa o pensamento. Essa questão metodológica nos ajuda a pensar a composição dessa pesquisa em relação às(os) senhoras(es), misturando autoras(es), personagens e agenciando o desenvolvimento do narrador com a própria narrativa. Esse movimento retoma a experiência estética da criação na velhice, compondo a virtualização da memória como potencialização da narrativa presente.

Definir a cartográfica não se trata de capturar a experiência, mas fazer com ela, fazer junto, transformar, relacionar: COMPOR. Incluir o processo cartográfico da velhice se torna peça fundamental de composição de platôs, de mapas que tecem e ilustram e testemunham essas existências, essas maneiras de existir, muitas vezes caladas, paralisadas na engrenagem do cotidiano. Essas vozes silenciadas quando despertam, podem manifestar lembranças,

mergulhar nos afetos e trazer à superfície suas *resistências*, ou seja, novas maneiras de existência, na medida em que criam com a diferença o instrumento que opera na construção da realidade.

Mapeando as emergências desses arquitetos de si e do mundo, compreendemos como a produção de subjetividade na velhice se dá no simples fato de criação, criando e recriando suas memórias, deixando-se afetar por elas, deslocando seu corpo no espaço e modificando-o com seus afetos. Para tanto, por meio de imagens, ensaios e desenhos, construímos essa ponte que tenta traduzir no campo estético esses acontecimentos.

O projeto propõe uma análise de senhores e senhoras que residem em lares (casas/abrigos) de idosos, sendo dois particulares e dois de órgãos públicos ou sem fins lucrativos, como exemplo prefeituras. A ideia é de analisar os lares das cidades de Fernandópolis-SP e Votuporanga-SP, em média retratando cinco idosos de cada lar, totalizando vinte sujeitos/seres da pesquisa, que posteriormente aparecerão na pesquisa como ensaios experimentais desenvolvidos após as conversas estabelecidas nos lares. Sobre a coleta de dados será utilizada a resolução 510/16 da pesquisa na área de ciências humanas e sociais, VII. Assentimento, Termo de assentimento, Registro do Assentimento – Diferenças conceituais e exigências normativas.

O objetivo específico como já citado anteriormente, mas retratado aqui novamente para esclarecer é o de identificar as memórias e mapear como elas se dão com o entorno em que esses seres hoje habitam e da relação que se dá no presente. O percurso metodológico passa pela análise qualitativa dos dados, ou seja, na junção após as visitas/oficinas/rodas de conversa nos abrigos e empírica na criação da autora quando se trata da arte envolvida como expressão. A pesquisa sugere cinco fases norteadoras para obtenção dessa coleta de dados, são elas:

FASE 01: pesquisa bibliográfica

FASE 02: início da coleta de dados (após a aprovação do Comitê de ética) onde a autora dará início as visitas nos lares/abrigos; neles serão propostas observações, conversas, músicas, experimentações com desenhos e diálogos.

FASE 03: análise dos dados, processo onde a autora por meio das experiências artísticas e dos registros dos lares buscará identificar possíveis construções de experiências das memórias retratadas por esses idosos nas visitas.

FASE 04: ensaios/fragmentos dos resultados obtidos anteriormente.

Palavras-chave: Memória; Estética; Velhice; Invenção.

REFERÊNCIAS

BARROS, Regina Benevides de.; PASSOS, Eduardo. **A Cartografia como método de pesquisa-intervenção**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Paz e Terra/Graal, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

SOURIAU, Étienne. **Diferentes modos de existência**. Tradução de Walter Romero Menon Júnior. São Paulo: N-1 Edições, 2020.